



HIV +

Eduardo Luiz Barbosa, 44



No início dos anos 90, trabalhava em São Paulo como professor da rede pública. A epidemia de Aids estava instalada no Brasil e pessoas conhecidas já apresentavam sinais da enfermidade, algumas chegando à morte. Buscava repassar aos meus alunos, entre 12 e 25 anos de idade, as poucas informações que tinha sobre o assunto. Abordava aspectos da epidemia, formas de prevenção e questões de sexualidade. Mesmo assim, minha prática pessoal não mudou. Tinha relações sexuais sem preservativo, acreditando que características pessoais de meus parceiros (homens e mulheres) deixavam-me imune à infecção. Viver a homossexualidade clandestinamente me permitia transgredir meu discurso profissional.

Em 1994, enfrentei problemas de saúde. Sem um diagnóstico claro sobre eles, fiz um exame de HIV. O resultado positivo veio, e, com ele, minha negação ao fato. Fiquei com medo e me senti impotente, pois a morte surgiu como uma verdade inexorável. Depois de me recolher e de buscar alento na religião, compartilhei minha nova situação com amigos próximos. Choramos juntos, numa demonstração de solidariedade. Mas meu segredo se espalhou, e algumas situações de discriminação surgiram: pessoas evitavam compartilhar copos e assentos comigo e sofri agressões verbais associando o HIV à minha homossexualidade. Felizmente essa discriminação não se acentuou, e pude conviver de forma tranqüila no meu ambiente de trabalho. Ao revelar minha soropositividade e homossexualidade aos meus parentes, o acolhimento também foi grande, apesar deles terem medo de se infectar e de suas dificuldades em entender minha orientação sexual.

Sempre busquei atendimento médico e psicológico no sistema público de saúde, onde até hoje faço consultas, realizo



NAÇÕES UNIDAS

Escritório contra Drogas e Crime

exames e recebo as terapias. Os medicamentos causaram reações positivas e negativas. Tive problemas sérios de saúde e sempre considerei importante manter a medicação.

Um fator importante para meu equilíbrio foi a convivência com o GIV (Grupo de Incentivo à Vida de São Paulo), uma ONG dirigida e voltada para pessoas com HIV/Aids. Encontrei outros soropositivos e percebi que não estava sozinho, que era possível ter qualidade de vida apesar da soropositividade. Aprendi a lutar pela minha própria vida e a apoiar outras pessoas a superarem as barreiras que o HIV impõe. Convivemos com a morte de companheiros, aprendendo a lidar com essas

perdas. Discutimos experiências de discriminação e preconceito e aprendemos a lutar contra eles.

Mantivemos nossa saúde, aderindo ao tratamento e a terapias alternativas, apesar de seus efeitos adversos.

Em 2001, fui eleito presidente do Fórum Estadual de ONGs/Aids de São Paulo,

onde priorizei o advocacy e o ativismo, ampliando a articulação política dessas ONGs entre elas e com os governos.

Como desdobramento dessa atuação, em agosto de 2004 fui convidado a trabalhar no Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde, onde sou o responsável adjunto da Unidade de Articulação

com a Sociedade Civil e Direitos Humanos.

Agora no governo federal, atuo na construção de estratégias para o enfrentamento à discriminação e ao preconceito, em atividades de prevenção e com ações junto a populações vulneráveis. Também faço a interlocução com diferentes setores do governo e de outras instâncias. Graças ao meu trabalho, sou uma referência para as pessoas que vivem com HIV e para o fortalecimento das instituições que atuam com a temática da Aids.

Hoje, aos 44 anos, levo uma vida normal. Enfrentei o cansaço e a fragilidade, a baixa estima e os efeitos colaterais das terapias, sempre evitando a condição de vítima ou doente passivo. Ao longo do tempo, aprendi a respeitar as diferenças e, com isso, comecei a ser respeitado.

O HIV foi para mim um divisor de águas: redesenhei a importância da vida e percebi que podemos contribuir para o coletivo a partir de nossas vivências. Todos temos muito a contribuir se deixarmos de ser passivos diante das adversidades e nos engajarmos na construção de uma sociedade mais justa e solidária. O slogan “Antes nos escondíamos para morrer. Hoje nos mostramos para viver”, adotado pela Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e Aids do Brasil, reflete o sentimento de minha vida.

Viva a vida!

